

MONTANHA-RUSSA DE EMOÇÕES

Thriller literário

No dia 18 de outubro de 2024, estava previsto o lançamento do meu livro AUTO-FICÇÕES VIRAIS, no âmbito do FESTIVAL LITERÁRIO INTERNACIONAL DE ÓBIDOS (Figura 1)



Figura 1 – Cartaz do Festival e anúncio do lançamento do meu livro

Cheguei de véspera, conduzido por uma carrinha da organização, que me deixou à porta do Hotel onde fiquei alojado (Figura 2)



Figura 2 – Chegada a Óbidos (transfer + hotel)

Fiz a viagem para Óbidos no banco de trás da carrinha da Figura 2, escoltado por um loquaz motorista da Câmara. No banco da frente estava plantado em absoluta imobilidade um (putativo) escritor com mais de noventa anos que não disse uma palavra durante todo o percurso, no desempenho irrepreensível do papel de múmia que eu lhe destinara. Ao meu lado, sentava-se uma (putativa) acompanhante para cuidados paliativos da minha múmia, uma brasileira sessentona de pele *marron* que me interrogou torrencialmente sobre as minhas (putativas) impressões sobre a sua terra natal.

Durante o trajeto Lisboa-Óbidos, estabeleceu-se um intenso triângulo verbal em que a nuca do motorista era o vértice de um dos meus catetos, e a face da brasileira, o vértice do outro cateto (Figura 3).



Figura 3 – Topologia do interior da carrinha que me levou a Óbidos, assinalando o triângulo de interação com os meus companheiros de viagem ativos (e evidenciando a passividade da múmia, depositada no espaço exterior ao triângulo)

A conversa decorreu solta, sobre temas triviais, sem que nenhum de nós se atrevesse a aprofundar qualquer pensamento, ou mesmo a indagar o que é que estávamos ali a fazer (e o mistério sobre a identidade da múmia – e seus atributos – adensou-se durante todo o trajeto, deixando insatisfeita – até hoje – a minha infinita curiosidade sobre tal personagem).

Quando desembarquei no Hotel da Figura 2, estava obcecado pela ideia da minha vinda a Óbidos como *clou* de mais de três anos de trabalho de escrita compulsiva, feito em mil dias, quatro horas por dia. A profunda emoção correspondente a essa ideia era acompanhada por um conjunto de impactos físicos adversos: palpitações, tremuras, prostração, gaguez. Tais realidades físicas¹, eram um sério obstáculo à satisfação plena dos imperativos burocráticos com que fui confrontado na *reception desk* (Figura 4), o que tendeu a amplificar o meu desanimo e a acelerar todos os meus ritmos vegetativos.



Figura 4 – A receção do Hotel como fonte de absurdos requisitos burocráticos

¹ Que senti como a expressão corporal de um quadro psicossomático semelhante ao que ocorrera há 50 anos, no Arizona, quando tive de ir apresentar um *paper* – em contexto de intensa ansiedade – a um ‘importante’ Congresso Internacional, para que o texto correspondente fosse publicado nos *Proceedings* (e para que pudesse assim ver o meu trabalho divulgado em LIVRO, numa língua ecuménica). Num dia quente de outubro, percorri penosamente a pé as mil jardas da Main Street de Tucson que separavam o meu Motel das instalações onde decorria o Congresso. A meio caminho, explodiu a tensão associada à dificuldade *to cope with the situation*, e tive de me encostar a uma parede para ganhar fôlego. Sem ânimo, deixei-me deslizar pela parede abaixo, e mantive-me sentado em ângulo reto durante largos minutos, até que um *american fellow-colleague* me viu e me escoltou até ao Congresso, após a toma de um valium 10.

Quando finalmente me entregaram a chave do quarto, tive de subir penosamente uma estreitíssima escada em caracol, já que o elevador “estava avariado” (como o rececionista-mor anunciou a meia voz, com um sorriso quase sádico). Depois de um longo e árduo combate com a fechadura da porta, enviesado pela desastrosa circunstância da chave abrir ao contrário, lá consegui – em estado calamitoso – aceder aos ‘meus aposentos’ para tentar fazer uma sesta retemperadora. O quarto tinha duas faces antinómicas: na parede do corredor, surgia um guerreiro façanhudo a espezinhar impiedosamente um pobre muçulmano deitado por terra em pânico; na parede junto à janela, surgia o típico cenário de um ‘hotel de charme’ (Figura 5).



Figura 5 – O meu quarto com enorme tela ameaçadora

Quando me consegui abstrair do terror que a tela me provocava, deitei-me na cama para tentar conciliar o sono. Este propósito revelou-se inatingível porque um vigoroso enxame de moscas de outono² que habitavam o quarto se sentiu perturbado pela minha presença, atacando-me furiosamente em voo picado. Além do mais, as *facilities* do Hotel – que o rececionista-mor tanto gabara – revelaram-se fonte inesgotável de *difficulties* (por exemplo, a incapacidade de conter os incomodativos barulhos vindos do WC, originados por indomáveis fluxos de água que inundavam o exíguo compartimento).

² Este tipo de moscas eram, hoje, o avatar daquelas que anunciavam o fim das ‘férias grandes’ da minha meninice na Praia das Mações (e que acasalavam *sans souci*, ignorando olímpicamente qualquer tentativa da minha parte para apelar a alguma contenção, através de vigorosos golpes de colher de pau que saíam sempre malogrados).

Sem conseguir descansar nem por um minuto, enfrentei em desalento a perigosa descida pela escada em caracol que dava acesso à rua.

O meu estado calamitoso, que estava em pleno nadir, começou lentamente a arribar à medida que ia percorrendo a Rua Direita, no sentido da Igreja de Santa Maria, metamorfoseada na livraria Santiago pela mão do Zé Pinho há uma década. E a terapia dos livros funcionou em pleno, quando me detive demoradamente num *browsing* caloroso pelos expositores e estantes da antiga mercearia, agora Penguin Random House (Figura 6).



Figura 6 – Percurso pela Rua Direita até à livraria Santiago, passando pela Penguin Random House

Ao passar pela Esplanada de Santa Maria, ao pé da igreja/livraria, deparei com o meu editor Carlos Veiga, com quem me sentei a lanchar (e a conversar sobre o meu livro, que deveria ser lançado no dia seguinte às duas e meia).

Numa mesa do fundo da esplanada, junto à cerca de proteção contra o denso bosque de vegetação exterior que exalava uma ameaçadora onda de clorofila, lobriguei com alguma perplexidade um estranho casal incomum, constituído por um rapaz da minha idade de cabelo branco e ar sereno que fazia *pendant* com uma jovem loira vistosa que me olhava fixamente (Figura 7).



Figura 7 – Na esplanada de Santa Maria, a minha perplexidade perante um casal improvável

A imagem do casal da Figura 7 começava a esbater-se no meu espírito, quando a loira vistosa se acercou de mim, falando um português arrevesado com uma bela voz cantante que indiciava uma indisfarçável raiz italiana. Disse que o seu ‘amigo americano’ – que ela tratava por Jake, evocando ironicamente a Patricia Highsmith – me tinha visto ao longe, efabulando a minha imagem esfumada como a de um pintor desaparecido, que ele procurava maniacamente pela Europa. A situação de *doppelganger* em que me vi envolvido encantou-me enormemente, como uma espécie de personagem do meu companheiro catalão Enrique Vila-Matas, que eu apresentei à italiana quando ela me ofereceu o livro que ia apresentar ao festival (Figura 8).

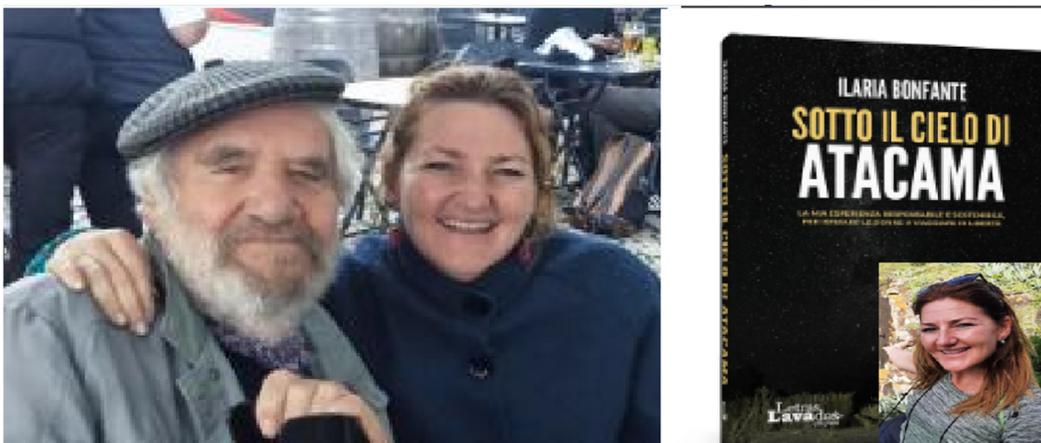


Figura 8 – A italiana comigo e com o seu livro, em foto do Jake

O inesperado encontro improvável com o Jake e a italiana, imerso em literatura da minha predileção (e embebido em saborosa conversata), levou aos píncaros a minha disposição de espírito, mostrando como o ‘acaso objetivo’ dos surrealistas pode ser um antídoto contra algum *mal de vivre*.

Cheguei assim ao zénite da evolução temporal da minha ‘inteligência emocional’ durante o primeiro dia em Óbidos. Para modelizar tal evolução, vou utilizar uma curva média que traduz em termos gráficos um movimento oscilatório de grande amplitude, como o representado esquematicamente na Figura 9, com comentários pictóricos e inscrições incisivas localizadas no espaço-tempo. Este movimento oscilatório é a expressão de uma ‘esquizofrenia branda’ de alta frequência, em que a escala horária faz as vezes do semi-período diário da canção “*un dia que se rie, un dia que se llora*”, que exprime eloquentemente o modo como se faz a alternância dos sentimentos de uma adolescente exposta ao quotidiano das Antilhas dos anos 50, como descrito por Maryse Condé.

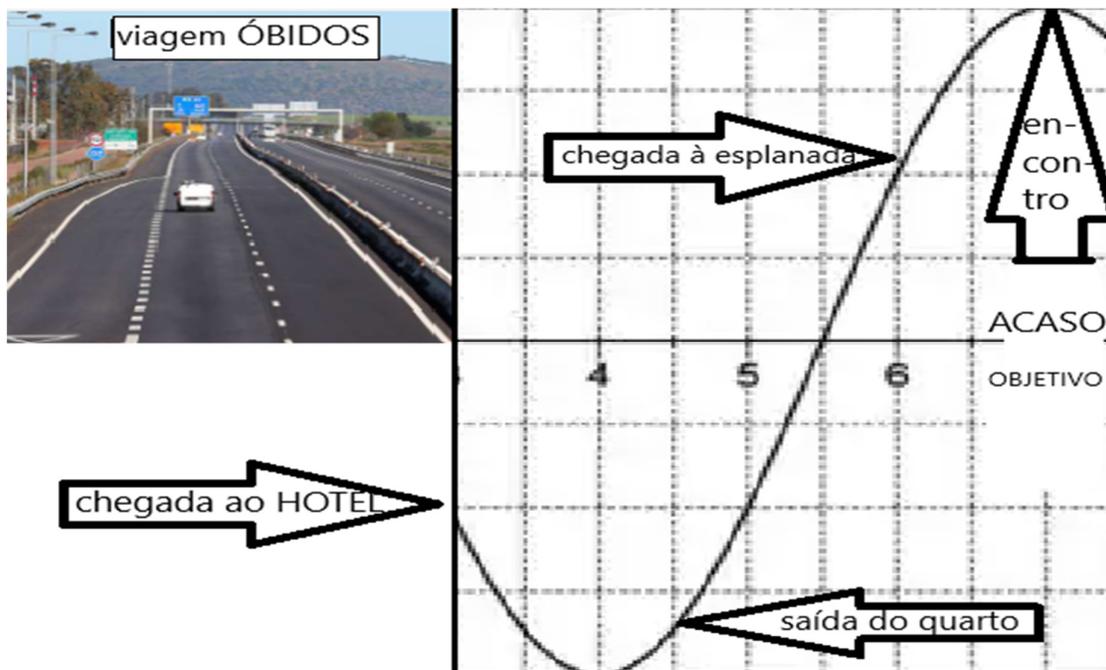


Figura 9 – Interpretação do meu mood durante o primeiro dia em Óbidos

Na sexta-feira de manhã, o meu mood – que tinha atingido um máximo histórico no momento em que interiorizei o deleite arrebatador do encontro da noite anterior – começou a declinar ao longo do caminho para a livraria ARTES & LETRAS, onde estava prevista a apresentação do meu livro. Encontrei a livraria com alguma dificuldade, no fundo de um pátio localizado já no exterior das muralhas, no sentido oposto à esplanada onde ocorrera o acaso histórico da véspera. À porta da livraria (fechada) e nas imediações próximas, tive a premonição da aproximação de um novo nadir na minha psicogeografia, ligado desta vez com o contraste fantasmagórico entre a quimera feita das minhas expectativas povoadas de gente para festejar a minha escrita e a realidade composta pelos lugares desolados que surgiam aos meus olhos (Figura 10).



Figura 10 – Local de apresentação do meu livro, numa livraria de Óbidos localizada no fundo de um pátio contíguo às muralhas

Os preliminares de qualquer tipo de atuação envolvendo um público a quem me tenho de dirigir verbalmente provocam-me sempre uma enorme ansiedade, avolumada desta vez pelo facto de que o objeto que estava no centro da atividade não tinha existência física: os exemplares do livro a ser lançado não estavam disponíveis, como me informou o meu editor que tinha marcado *rendez-vous* comigo na esplanada em frente da livraria, para fazermos a avaliação do espaço interior e orquestrarmos a atividade (Figura 11).



Figura 11 – Esplanada e livraria vazias, ensombradas pela ausência do meu livro

Logo que o espaço fronteiro à livraria se começou a povoar com gente que vinha participar na atividade, a minha *mood* tendeu para novo mínimo (correspondente – com a defasagem de um dia – ao que ocorrera à saída do Hotel). Na verdade, a questão agravou-se ainda mais quando, por volta do meio-dia, o livreiro Luís Gomes – que regia a ARTES & LETRAS – apareceu, consternado, a dizer que o livro que deveria ser apresentado às duas e meia ainda não tinha chegado a Óbidos (Figura 12).



Figura 12 – Esplanada e livraria preenchidas, ensombradas pela ausência do meu livro

Mas de repente, surgiu – espavorido – um estafeta com uma caixa embrulhada em papel pardo dirigida ao meu editor. Pressenti inelutavelmente que se tratava do invólucro anódino envolvendo o meu livro, o que provocou um salto descomunal no meu ‘estado de alma’, para um novo zénite.

Com um cuidado desmedido, desembulhei a caixa vagarosamente, emulando a cena das MIL E UMA NOITES em que, no *souk*, o génio levanta *sournoisement* a tampa de um pote de mel envolvendo a odalisca.

Surgiu então um belíssimo objeto muito expressivo constituído por um estojo de cartão alegremente colorido que continha dois livros no seu interior: as AUTOFICÇÕES VIRAIS e a MARGINÁLIA VAGABUNDA, as duas faces do disco que ia lançar nesse dia (Figura 13).



Figura 13 – O meu livro em dois volumes num estojo de cartão

Acaricieei longamente o objeto da Figura 13, folheando demoradamente cada um dos volumes enquanto fazia mentalmente a correspondência entre aquilo que tinha composto em páginas de *WORD* e o *layout* que agora surgia aos olhos de terceiros. Este exercício levou-me a um *climax* em que me sentia em fusão plena com os meus leitores, num êxtase de imensa volúpia.

Trazendo debaixo do braço três exemplares do meu livro, penetrei no espaço da livraria – já ocupado por algum ‘público’ – e segui o meu editor, tomando lugar num dos cadeirões do fundo (Figura 14).



Figura 14 – *Setting* da livraria onde decorreu o lançamento do meu livro

Depois de mencionar a impossibilidade de comparência da Isabel do Carmo (por inesperados problemas de saúde), o meu editor Carlos Veiga – *in addition to the praise of my work* – falou dos laços que o ligavam a mim há décadas, e dos meus livros que ele tinha editado com muito agrado há mais de vinte anos (Figura 15).

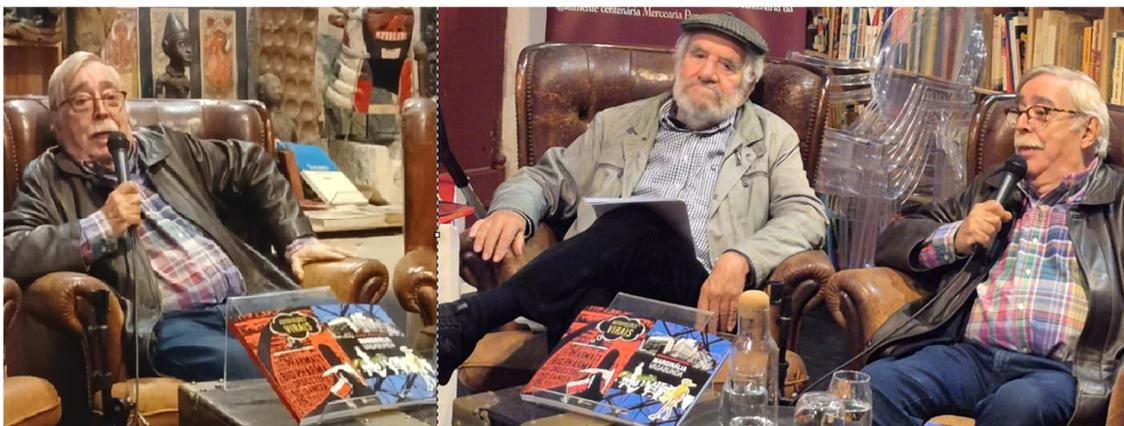


Fig. 15 – O Carlos Veiga dá voz a um quase-panegirico, perante a minha quase-complacência

Como representado na Figura 16, tomei seguidamente a palavra para apresentar a estrutura do meu livro, e expor sumariamente os temas que abordei em cada um dos volumes, destacando os aspetos formais que o transformavam num objeto único que eu queria ver apreciados pelos leitores. Evoquei também o Enrique Vila-Matas, quando comparei o volume da MARGINÁLIA VABUNDA com o livro de *notas a pie de pagina* que ele se propunha escrever.

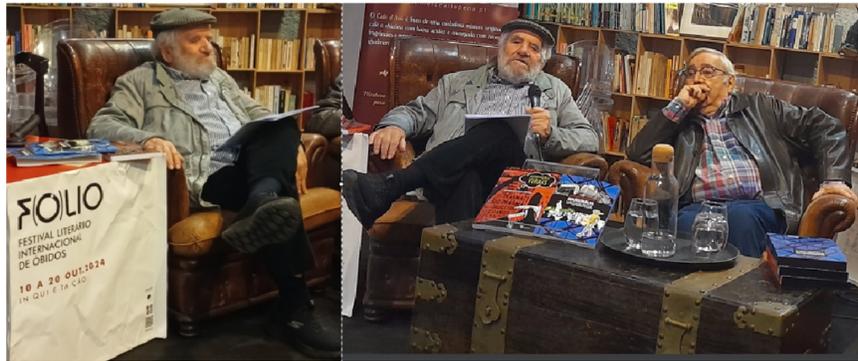


Figura 16 – A minha intervenção sobre a estrutura do meu livro

O Carlos Veiga passou então o microfone para o público, uma vintena de amigos que tinham aparecido em Óbidos. Escutámos com muito agrado a intervenção de cada um desses amigos, e eu procurei responder com a maior simpatia às questões que eles levantavam (Figura 17)



Figura 17 – A mesa escuta o público com a maior simpatia, num verdadeiro *mating ritual* onde imperava a maior cumplicidade

E o ritual culminou na escrita das dedicatórias, que andavam à volta de frases como esta: ...CONTRA A BANALIDADE DO MAL, CÁ VAI ESTE ANTÍDOTO INQUIETANTEMENTE APAZIGUADOR...

Concluída a cena formal da apresentação, passámos à ‘festa de coroamento’, que marca a apoteose da minha participação em qualquer atividade deste tipo. Desta vez, organizei um *gouter après spectacle* na esplanada contígua à livraria, onde se juntaram em alegres (e demoradas) libações alguns amigos que tinham vindo a Óbidos (Figura 18). Na Figura 19 surgem numa foto especial os meus alunos que eu não via desde os anos 90.



Figura 18 – Festa de apoteose do lançamento do meu livro



Figura 19 – Os meus alunos/amigos

Com a festa de lançamento do livro, o movimento oscilatório do meu *mood* atingiu um segundo zénite (desfasado de um dia relativamente ao que marcou o ‘encontro’ assinalado na Figura 9). Posteriormente, esse movimento sofreu uma forte atenuação na sua amplitude e período, tornando-se numa função aleatória estacionária até ao fim da estadia em Óbidos.

Na noite do lançamento, o clima festivo em que estava mergulhado teve um outro auge com a prazerosa atividade de um grupo de cantares que atuou junto à esplanada de Santa Maria, e que dava pelo nome (ditoso) de FOLIA VADIA (Figura 20).

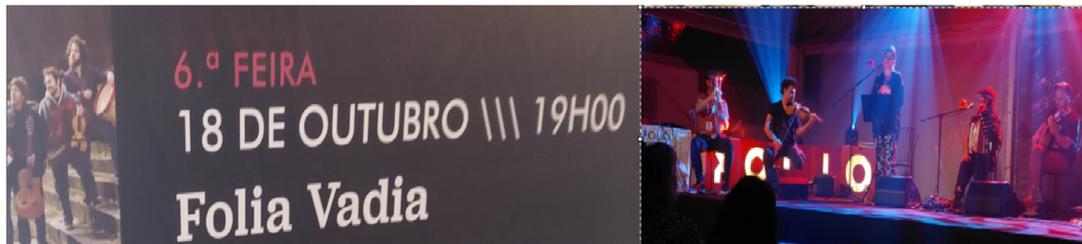


Figura 20 – Anúncio da performance da Folia Vadia, e aspeto do cenário onde o grupo atuou

No decorrer da atuação, fui agradavelmente surpreendido pelo som de algumas cantigas de combate/sarcasmo com as quais me cruzei no passado. As letras correspondentes surgem na Figura 21, em alguns excertos cheios de significado.

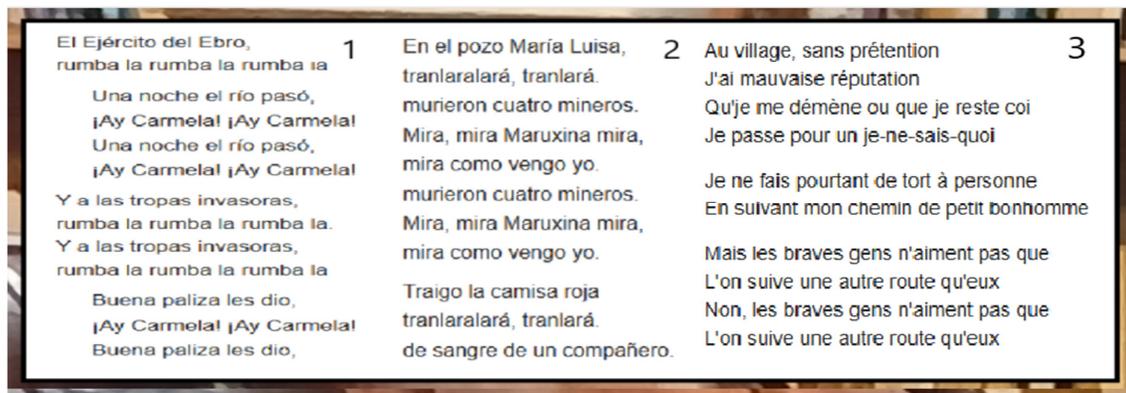


Figura 21 – Excertos das letras de algumas cantigas da minha predileção, interpretadas pelo grupo FOLIA VADIA (1 – Ay Carmela; 2 – En el Pozo Maria Luisa; 3 – La Mauvaise Réputation)

A manhã seguinte amanheceu luminosamente, o que convidava a sucessivos passeios pela Rua Direita, de trás para a frente (e no sentido inverso), parando em todas as livrarias para um incessante folhear lento (e delicioso). Ao cair da tarde, deparei – à porta da Livraria do Mercado – com o anúncio de uma ‘atividade’ em que participava um escritor colombiano que tinha entrado recentemente na esfera da minha *fondeness*: Juan Gabriel Vásquez (Figura 22). Depois de uma escolha judiciosa (em que o fator peso intervinha rudemente), acabei por comprar o seu último livro publicado (e outro saído em 2015).



Figura 22 - À porta da livraria do Mercado, Juan Gabriel Vásquez e dois dos seus livros

Sentei-me numa cadeira da primeira fila, com o espírito plenamente recetivo para as palavras arrebatadoras que o escritor colombiano ia proferindo, em discurso encantador ligado com a conceção (e feitura) dos seus livros. Num *mixing* deslumbrante de Gabriel García Márquez com Antonio Tabucchi, as histórias sucediam-se umas às outras, levando à emergência de uma atmosfera³ maravilhosa que me envolveu plenamente.

³ Esta atmosfera recordou-me à *toute force* uma situação em que estive embrenhado na Bruxelas dos finais do século: num domingo que se seguiu a uma semana de trabalho, fui espiar os alfarrabistas do Sablon e acabei por aterrar ao fim da tarde no Cercle, um *cabaret* que anunciava uma atividade que me seduziu, um *GÔUTER AU CONTE* com a presença de um contador de histórias do congo ex-belga. Este estava mascarado de leopardo (ou coisa parecida) e afirmou, logo que chegou ao ‘palco’ improvisado, que o estávamos autorizados a acreditar em tudo, “*surtout ce que ne tient pas debout*”, desbobinando a seguir uma complicada odisséia de dois irmãos antinómicos em interação com um certo “*éléphant des fleuves*”. Terminou apelando à nossa participação na magia do local (visto como um *village africain*), para o que pedia que respondêssemos em coro a uma estranha litania que entoava em jeito de *lullaby*. Posso dizer que experienciei no Cercle uma ‘epifania’ à la Joyce (ou uma sensação de deslumbramento como a que provocava em Ortega a leitura de ‘um grande romance’).

Em alguns trechos dos livros da Figura 22 encontrei – inopinadamente – um estranho eco das minhas obsessões no domínio da escrita, como a coexistência vivificante das ideias-esqueleto *de l'oeuvre* com as coisas mais prosaicas que trazem um acréscimo de credibilidade ao texto (por exemplo, na página 57 de AS REPUTAÇÕES, o herói confessa aos leitores que “procurava as formas do corpo sob a saia da sua jovem visitante, quando a deixasse – com algum cavalheirismo – avançar à sua frente na escada da sua residência”). Nessa conformidade, apoiei Vásquez na sua proposta à organização da Folio para empregar o tema OBSESSÃO como *leitmotif* da realização de 2025 (que começava a ser preparada, no contexto da ‘guerra cultural’ com cenário em Óbidos, e em que eu alinhei ao lado de Vázquez).

Embalado pela escrita e pelo verbo de Vásquez, deixei-me conduzir a uma *NeverLand* de J.M. Barrie sem Hook nem Wendy, onde me senti ‘único’, mas em companhia dos meus amigos que também se recusavam a crescer (ou seja, a integrar-se no sistema capitalista que toma contornos cada vez mais *fuzzy*).

No limbo fantasmagórico em que me encontrava, passou-me pelo espírito as imagens de três momentos cruciais da minha estadia em Óbidos: a ‘revelação’ do meu livro, o seu lançamento e recepção (Figura 23).



Figura 23 – Evocação do ‘pote de mel’ que continha o meu livro e seu lançamento à maneira de um discóbolo da Grécia Clássica (em direção à Bia, minha leitora que vive intensamente o dia a dia depois de ter ‘dado a volta 3por cima’ a muitas dificuldades de saúde).